



XVI JORNADA ACADÊMICA

Educação, Memória e História: Os desafios
no processo de redemocratização do Brasil

ISSN 2965-0615

Programa de Pós-Graduação
EDUCAÇÃO
Mestrado e Doutorado



UNISC

ENTRE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS E COLETIVIDADES: A ESCREVIVÊNCIA COMO POTÊNCIA PARA A ESCRITA INTELECTUAL

Jonas Daniel Pereira¹
Camila Francisca da Rosa¹

EIXO TEMÁTICO 06: EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES E MOVIMENTOS SOCIAIS

RESUMO

Este resumo é um recorte de uma pesquisa de dissertação que toma a Escrivivência, conceito de Conceição Evaristo, como potência para a produção intelectual. O objetivo é delinear como o exercício de memória individual do autor-pesquisador, em especial a relação com a sua mãe, o projeta intelectualmente a ingressar em um mestrado em Educação e na definição de sua pesquisa. O artigo argumenta que a Escrivivência é vital para integrar memórias pessoais e coletivas no campo acadêmico, oferecendo uma perspectiva ética e política. Ao valorizar essas experiências, a pesquisa busca inscrever marcas raciais na produção intelectual, contribuindo para uma educação mais inclusiva e representativa.

PALAVRAS-CHAVE: Escrivivência. Exercício de memória. Produção Intelectual.

O presente resumo expandido é um recorte de um trabalho de mestrado, ainda inicial, em um Programa de Pós-graduação em Educação. A pesquisa visa problematizar a constituição do ser-docente em espaços não-escolarizados que atravessam a subjetividade de vida do autor-pesquisador. Ocorre que esse tema foi potencializado a partir do conceito de Escrivivência, cunhado pela autora Conceição Evaristo, em função de entrelaçar a vida pessoal/individual do autor-pesquisador com a sua produção intelectual. Ainda que a pesquisa a campo não tenha começado, a primeira etapa, e motivo deste resumo, é marcar como o conceito foi propulsor da trajetória intelectual que o autor-pesquisador está construindo.

O conceito de Escrivivência, elaborado pela escritora mineira, Conceição Evaristo, representa uma abordagem literária que entrelaça os atos de escrever e viver, com especial atenção à vivência das mulheres negras no contexto racial brasileiro. Evaristo utiliza esse termo para descrever uma prática narrativa para além da simples escrita autobiográfica, mas que potencializa as perspectivas coletivas – até mesmo porque sujeitos negros carregam a condição da coletividade racial. A Escrivivência de Evaristo é profundamente ancorada na realidade histórica, social e racial do Brasil. Evaristo explica:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p. 30).

Em suas obras, são frequentemente explorados temas como memória familiar, ancestralidade africana, re-

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc.

sistência cotidiana e solidariedade comunitária, além da denúncia das diversas formas de violência racial. Não sem sentido, a escritora literária é incorporada ao mundo acadêmico como possibilidade de modos de pesquisa.

Nessa perspectiva, o autor-pesquisador dá-se por conta da impossibilidade de distanciar sua produção acadêmica de suas vivências como sujeito negro. Mais ainda, entende-se, a partir do conceito de Escrivência, que aquilo que é vivido, ainda que individualmente, constituem uma memória coletiva. O ato de escrita, potencializado por Conceição Evaristo, torna-se modo de resistência e se soma a importância do lugar de fala ocupado por sujeitos negros no meio acadêmico e produção de pesquisas, em especial, na área da educação.

Quando referimos a importância das memórias vividas-afetivas, lembramos, antes mesmo da escolha pelo tema e problemática de pesquisa, o ingresso em programa de mestrado. Se as estatísticas e a história de desigualdade sociorracial te fazem exceção, se marca uma conquista que, certamente, seria celebrada pela mãe do autor-pesquisador que, também, fez da educação uma estratégia para reorganizar sua vida. Vivendo como a maioria de suas contemporâneas, a mãe do autor-pesquisador se vê conciliando a rotina como doméstica, esposa, mãe de três filhos e um prestes a nascer. Tendo que repensar seu futuro em meio a um casamento abusivo com o pai de seus filhos, em 1994, ela decide reescrever sua história por meio da educação. O primeiro passo foi, aos 39 anos, completar o Ensino Médio.

Em seguida, se inscreve em um concurso público. É aprovada para exercer a função de servente nas instituições escolares municipais. A partir desses acontecimentos, ela conquista sua independência, separa-se do marido, consegue adquirir uma casa própria em uma nova comunidade de sua cidade, onde se muda com dois de seus filhos. Participa de movimentos sociais e de partidos políticos engajados na causa que a salvou, a educação. O autor-pesquisador vivencia como criança todos estes acontecimentos e vê nos espaços de educação, que sua mãe frequentou, tardiamente, como aluna, mas, também, como funcionária, uma estratégia de inclusão.

Assim, um jovem preto graduando-se, ingressando em um programa de mestrado, é uma conquista coletiva, mais, também, uma mãe preta celebrando seu filho, através da educação, potencializa a relação sujeito/autor-pesquisador. A Escrivência, ou seja, escrever as experiências pessoais lembradas, se entrelaça a escrita acadêmica a partir do momento que se entende a ressonância nas experiências de tantos outros ou, ao menos, nos sonhos e desejos de tantos. Compartilhamos, a semelhante memória, docemente narrada, por Conceição Evaristo no texto “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” em que mais uma vez a força de uma mãe preta faz da educação e da escrita ferramentas de (re) existência. As tantas histórias que tomam a educação como crença na possibilidade de mudança atentam e afirmam a explicação de Evaristo de que a Escrivência não é uma escrita de si (2020, p. 38), mas uma autoria coletiva.

Partindo destas noções, se entende que o conceito de Escrivência permite que o autor-pesquisador do trabalho possa recuperar/reconhecer sua experiência para dialogar, ou mesmo, potencializar narrativas de grupos que carregam a coletividade racial como marcador. Concordando assim com Soares e Machado, “escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas” (2017, p. 206).

Além do ingresso em um curso de Pós-graduação, a escolha pelo tema de pesquisa também é atravessado pelo exercício de memória. Os espaços não-escolarizados discutidos serão aqueles onde acontecem projetos que atendem crianças e jovens em idade escolar (ou não) e em turno oposto ao da escola. São atividades promovidas por Movimentos Sociais, ONG's ou, até mesmo, via Secretarias de Educação, Assistência Social, por meio de políticas públicas. Acontece que, em especial, nas atividades promovidas por entidades não-governamentais, os responsáveis por serem educadores nem sempre terão a formação acadêmica oficial, como

uma graduação em licenciatura, portanto, configurando-se, no que vamos chamar, em um “ser-docente”.

Esses espaços não-escolarizados da educação remetem a situação da vida do autor dessa pesquisa que, quando, ainda criança, acompanhava sua mãe, mulher preta, sem uma graduação, mas que em seu terceiro turno de trabalho diário tornou-se professora para jovens e adultos que já haviam abandonado o espaço escolar. No início dos anos 2000, vigorava uma iniciativa do governo federal chamada MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), que consistia em transformar sujeitos que não partiam do campo acadêmico em docentes para alfabetizar pessoas em idade não-escolar. Caso da mãe deste autor-pesquisador, que a noite utilizava seu tempo para exercer o papel de alfabetizadora. A mulher que tornava-se docente rememora uma dinâmica de aula que era expressiva e muito didática. Com formação até o Ensino Médio, a mãe, trabalhadora e que se via docente, também, tinha a vivência em movimentos sociais como o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

Nas memórias desse autor, ainda uma criança, marcavam as datas comemorativas como a “Páscoa” e o “Natal” em que ela planejava momentos de formação seguidos de confraternização, muito parecidas com as que acontecem nos espaços escolares de educação formal. Momentos presenciados porque sendo mãe solo não havia quem desse suporte para acolher seu filho nos horários que ela precisasse exercer a função de educadora. Desta forma, a Escrivência desse autor-pesquisador é a vivência de muitos jovens que ocupam espaços não-escolarizados, como oportunidade de inclusão e de ampliação da educação. Uma trajetória experienciada que reconhece a importância que iniciativas como essa tem para que a educação se torne uma possibilidade aberta à população vulnerável.

A memória de uma criança que cresce nesse espaço não-escolarizado, com tantas gentes, entrelaça-se a vida das crianças e jovens que frequentam os espaços que irão compor a pesquisa. A memória de uma mãe que se vê docente, para além de tudo que na vida ensinou, se atravessa as narrativas dos educadores desses projetos, que se veem em constituição enquanto professores por seu pertencimento a uma comunidade, a um marcador racial, ou mesmo pela esperança e luta pelo combate à desigualdade. A história deste autor-pesquisador, iniciada com sua mãe, é a história de tantas crianças e jovens, mas é também a história daqueles que dedicam-se ao tornar-se professor como modo de resistência. Assim, a Escrivência, como exercício de memória, servirá ao longo de um projeto de dissertação para impulsionar uma produção intelectual que deseje ética e politicamente inscrever as marcas raciais no campo acadêmico.

Referências:

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020, p . 26-47.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivência** : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020, p . 26-47.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, 17(39), p. 203-219, 2017.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento 001.